

RUA BOLÍVIA

Lei nº 1576 de 12-09-1956

Formada pela rua 10 do Jardim Nova Europa

Início na rua Domingos José Duarte

Término na rua Plínio Pereira Neves

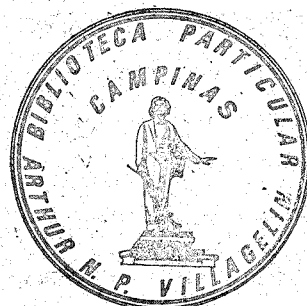
Jardim Nova Europa

Obs.: Lei promulgada pelo Prefeito Municipal de Campinas Ruy Hellmeister Novaes.

BOLÍVIA

A Bolívia é uma vasta área de montanhas altaneiras, grandes rios e densas florestas. Seu planalto austero e frio contrasta fortemente com os vales frescos e profundos e as tórridas planícies tropicais. Tem a capital mais alta do mundo e o Paso del Condor, a quase 5.000 metros acima do nível do mar, é considerado o mais elevado desfiladeiro. Riquíssima em recursos naturais, a Bolívia é um dos principais países produtores de estanho. Sua riqueza mineral compreende valiosos depósitos de cobre, chumbo, zinco, antimônio, bismuto, ouro, tungstênio e petróleo. Antes da conquista espanhola, a Bolívia era dominada pelos Incas. O conquistador espanhol Francisco Pizarro, em 1538, enviou do Perú, exploradores à Bolívia. Pedro de Anzures fundou La Plata, atual Sucre, que se tornaria a capital cultural de boa parte do continente. Com a descoberta de prata em Potosi, as garras dos conquistadores se estenderam, incorporando todo o território ao vice-reinado do Peru, sob a designação de Audiencia de Charcas. Em 1661, surgiram movimentos revolucionários que continuaram durante todo o Século XVIII. Em 1776, a Audiencia foi transferida para o vice-reinado de Buenos Aires e em 1809, um grupo de patriotas, sob a chefia de Pedro Domingo Murillo, aprisionou o governador espanhol em La Paz, sendo essa a primeira declaração de independência na América do Sul. Decorreram 15 anos de guerrilhas encarniçadas, para em 1825, Bolívar proclamar definitivamente a independência e o país homenageá-lo com seu nome. Em 1836, a Bolívia uniu-se ao Peru em confederação, que durou só quatro anos. Cinco anos, de 1879-1884 durou a Guerra do Pacífico, em que a Bolívia e o Perú combateram o Chile, em disputa das ricas terras de nitrato da Bolívia no litoral do Pacífico. Como resultado, a Bolívia perdeu sua saída para o mar. Em 1935 a Bolívia entrou em guerra com o Paraguai, pela posse do Chaco Boreal, hostilidade terminada em 1938, quando foi assinado um acordo entre ambos os países. A base da economia boliviana é a mineração, e há poucos anos, o país conseguiu baixar sua inflação de 18 mil por cento ao ano, para zero.

RUA BOLÍVIA

**LEI Nº 1.576, DE 12 DE SETEMBRO DE 1956**

Dá o nome de «Bolívia» a uma rua da cidade

A Câmara Municipal decreta e eu, Prefeito do Município de Campinas, promulgo a seguinte Lei:

Artigo 1º — Fica denominada «RUA BOLÍVIA» a rua 10 do Jardim Nova Europa, que tem início na rua 21 e término em a rua 12 do mesmo arruamento.

Artigo 2º — Esta Lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Paço Municipal de Campinas, aos 12 de setembro de 1956.

Ruy Hellmeister Novaes
Prefeito Municipal

Eng. Paulo Silva Pinheiro
Secretário de Obras e Serviços Públicos

Publicada no Departamento do Expediente da Prefeitura Municipal, em 12 de setembro de 1956.

O Diretor,
Alvaro Ferreira da Costa

BOLIVIA

II

Area: 1.098.581 quilômetros quadrados.

População: 3.019.031 habitantes.

Capital: La Paz.

Moeda: Boliviano =
US\$0,0052.

Língua: Espanhol.

Dia da Independência: 6 de agosto de 1825.

Herói nacional: Antonio José de Sucre.

Flor simbólica: Khantuta (Cantua buxifolia).

A Bolívia é uma vasta área de montanhas altaneiras, grandes rios e densas florestas. Seu planalto austero e frio contrasta fortemente com os vales frescos e profundos e as tórridas planícies tropicais. Tem a capital mais alta do mundo e o Paso del Condor, a quase 5.000m acima do nível do mar, é considerado o mais elevado desfiladeiro. Riquíssima em recursos naturais, a Bolívia é um dos principais países produtores de estanho. Sua riqueza mineral compreende valiosos depósitos de cobre, chumbo, zinco, antimônio, bismuto, ouro, tungstênio e petróleo.

GEOGRAFIA

A Bolívia, que não tem saída própria para o mar, divide-se em quatro regiões distintas. A oeste fica o altiplano uma das mais altas regiões habitadas do globo. Ali, por sobre o planalto desolado e gelido, tantas vezes açoitado por ventos cortantes, erguem-se, a enormes alturas, as montanhas encimadas de neve, de uma beleza extraordinária. Em certos pontos, o planalto é cortado por gargantas fundas, cobertas de bosques, ou interrompido por espinhaços. No altiplano vivem a lhama, a vicunha e a alpaca e ficam situadas as principais cidades e as maiores jazidas minerais, inclusive a de Corocoro, importante centro de mineração de cobre. A região intermediária, conhecida como yungas, está crivada de gargantas que, aqui e ali, se tornam vales profundos, estreitos e amenos. Dada a sua fertilidade, esta zona semitropical é chamada jardim e celeiro da Bolívia. A selva fica nas encostas orientais das montanhas e é riquíssima em madeira valiosas. Ainda a leste se encontram as planícies tropicais pouco exploradas e de escassa população, muito adequada à pastagem

Três dos mais altos montes do Hemisfério Ocidental — o Illampu, o Illimani e o Sajama — ficam na Bolívia e nela também se acha parte do Lago Titicaca, o mais alto do mundo (a outra parte fica no Peru).

CULTURA

A população boliviana pode ser dividida em três grupos étnicos: os de ascendência espanhola, os índios e os mestiços (ascendência indo-espanhola). A grande maioria dos índios atualmente, pertence a dois grupos: os Quechuas, robustos e docéis, e os Aymarás, taciturnos e melancólicos. Na parte leste do país, vivem numerosas tribos primitivas.

Na região do Titicaca encontraram-se objetos de arte indígena do período de Tiahuanaco, o que prova a existência de uma civilização muito desenvolvida, anterior aos Incas. A arquitetura colonial boliviana é uma fusão de elementos espanhóis na forma e indígenas na decoração. A arte moderna é de influência indo-hispanica. O expoente principal da arte indígena é Cecilio Guzmán de Rojas, cujos óleos captam bem a alma do país. A literatura colonial limitou-se quase exclusivamente a crônicas e tratados científicos e religiosos, e só no século XIX é que surgiu a verdadeira literatura boliviana. Gabriel René Moreno. "O príncipe dos escritores bolivianos", ocupa lugar de destaque nas letras americanas. A música parece refletir diretamente a paisagem do país.

Num desfiladeiro estreito e escarpado, guardado pelo elevadíssimo Illimani coroado de neve, fica La Paz, a verdadeira Capital da Bolívia. Segundo disposição de 1898, Sucre, a cidade onde se realizam as reuniões da Corte Suprema, continua sendo a Capital oficial da República. La Paz, entretanto, é o centro comercial, industrial e de transporte e ali funcionam o Executivo e o Legislativo. As ruas de La Paz, que ficam em níveis diversos, acompanhando os acidentes do terreno, são ladeadas de igrejas e mansões coloniais, cujas paredes venerandas efachadas ornamentadas contrastam fortemente com o estilo funcional dos modernos edifícios de apartamentos e escritórios. O coração da cidade é a Plaza Murillo. O mercado, onde os índios, vindos de perto ou de longe, vendem seus produtos, empresta grande colorido ao ambiente. Sucre, a Capital nominal, é aristocrática e preserva intactas suas tradições e costu-

mes espanhóis. A Universidade de São Francisco Xavier, cognominada berço da independência sul-americana, é ainda uma prestigiosa instituição de ensino. Claros e graciosos, os edifícios de Sucre destacam-se contra o fundo verde escuro de uma folhagem luxuriante.

As ruínas de edificações de pedra na antiga cidade indígena de Tiahuanaco são famosas e impressionantes. Copacabana, na região do Titicaca, além de sua beleza natural, tem grande quantidade de ruínas incaicas e pré-incaicas e é famosa por sua igreja, pelas procissões em que se exibem vistosas roupagens e pelos festivais primitivos, em honra da Virgem do Lago. Sorata fica à sombra do imponente monte Illampu e é muito procurada como centro de esqui, alpinismo e esportes aquáticos. Oruro é o principal centro de mineração e ferroviário; cidade progressista, fica nas encostas escarpadas de Uru-Uru, cercada pelas minas de estanho de San José. Potosí, conhecida há muito como um dos mais importantes centros de mineração de prata do mundo, situa-se ao pé do famoso Cerro Rico. Atualmente, sua importância se deve à produção de estanho, bismuto e tungstênio.

Cochabamba, a segunda cidade da Bolívia, é o principal centro de distribuição da zona oriental e criação da mais rica região agrícola do país. Santa Cruz, principal cidade das planícies, fica em terras ricas em petróleo, ouro e salinas, além das culturas agrícolas.

HISTÓRIA

Antes da conquista espanhola, a Bolívia era dominada pelos Incas. O conquistador espanhol Francisco Pizarro enviou do Peru, em 1538, grupos de exploradores à Bolívia. Pedro de Anzures fundou La Plata, atualmente Sucre, que se tornaria a Capital cultural de boa parte do Continente. A descoberta de prata em Potosí muito aumentou a importância do território boliviano aos olhos dos espanhóis. Em 1559, a atual Bolívia foi incorporada ao vice-reinado do Peru, sob a designação de Audiência (Corte Suprema) de Charcas, com La Plata como Capital. Em 1661, surgiram movimentos revolucionários que continuaram durante todo o século XVIII. Em 1776, a Audiência de Charcas foi transferida para o vice-reinado de Buenos Aires. Em

1809, um grupo de patriotas, sob a chefia de Pedro Domingo Murillo, aprisionou o governador espanhol em La Paz, sendo essa a primeira declaração de independência na América do Sul. Iniciaram-se, então, quinze anos de guerrilhas encarniçadas. Em 1825, Bolívar proclamou definitivamente a independência e o país homenageou-o com seu nome. Em 1836, a Bolívia uniu-se ao Peru, numa confederação que durou apenas quatro anos. A Guerra do Pacífico (1879-1884), em que a Bolívia e o Peru combateram o Chile, teve origem nas antigas disputas entre a primeira e o último, relativamente às terras ricas em nitrato que a Bolívia possuía no litoral do Pacífico. Como resultado, a Bolívia perdeu sua saída para o mar. Em 1931, o país entrou em guerra com o Paraguai, pela posse do Chaco Boreal, isto é, as planícies situadas entre os dois países, bem no coração da América do Sul. Em 1935, cessaram as hostilidades e em 1938, fixou-se o limite e as duas partes assinaram um tratado.

Segundo a constituição boliviana, o país é uma república centralizada, abrangendo o governo os poderes legislativo, executivo e judiciário. O poder legislativo é exercido pelo Congresso Nacional, composto da Câmara dos Deputados e do Senado. O poder executivo cabe ao presidente, eleito por voto direto, e aos ministros de Estado.

ECONOMIA

A base da economia boliviana é a mineração. Estanho, prata, chumbo, tungstênio, zinco, antimônio e cobre perfazem, juntos, a maior quota do valor da exportação. Embora não pese muito no total da balança econômica boliviana, a agricultura deu origem a diversas pequenas indústrias domésticas. A manufatura limita-se aos artigos de fácil produção, destinados ao consumo interno. Os principais produtos importados são o gado, trigo, açúcar, máquinas e acessórios, tecidos e veículos.

BANDEIRA

A bandeira boliviana consiste em três listas horizontais: a de cima, vermelha; a do centro, amarela; a inferior, verde.

(Recorte do jornal "A Gazeta" de S.Paulo, de 31-março-1955)

